

8. Uma história sem fim

O homem deveria ouvir um pouco de música, ler uma pequena poesia e contemplar uma bela pintura cada dia de sentido da beleza implantada por Deus em nossas almas.¹⁷⁷

Recordo os encantos do sabiá, do poeta Manoel de Barros, na epígrafe introdutória, para considerar o ser humano, que sob o jugo do cartesianismo, viveu longos anos exaltando valores quantitativos, perdendo a oportunidade de *sabiar*.

Diante do projeto elaborado para o ensino médico, assegurando um paradigma voltado para a necessidade de cuidar do paciente como totalidade indivisível – como um ser biopsicossocial – tenho consciência de que o maior desafio é contrapor-se ao paradigma newtoniano-cartesiano – da disjunção e redução, que segundo Morin¹⁷⁸ começa a ficar combalido: “Queremos conhecer separando, ou desunindo, a ciência... separamos o inseparável...”

A proposta para repensar este modelo na mudança curricular do curso de medicina da UFRR, possibilitou questionamentos sobre o modo como se concebe a teoria e a prática. O fato de o projeto apresentar novas possibilidades cognoscíveis para o ensino médico, “costurando” a Medicina com a Arte e a Literatura, causa estranheza e indiferença em um grupo profissional que desconhece os fundamentos da Complexidade e da Transdisciplinaridade. Diferentemente, a recepção no grupo discente foi promissora, pois perceberam que a mudança de mentalidade através da complexidade no pensar, trazia benefícios que eles próprios usufruíam nos espaços dos Círculos de Leitura, das Oficinas Etimológicas de Termos Médicos, nos Laboratórios, quando manifestavam suas inseguranças e tensões próprias do curso médico.

¹⁷⁷ GOETHE apud DÉCOURT, Luiz V. *A música em medicina: uma dupla participação*. Revista Paulista de Medicina. 106, 1988; (2): 59-61..

¹⁷⁸ MORIN, E. *Por uma reforma no pensamento*. In: Pena-Veja A, Nasimento EP. *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

Na verdade, a proposta é de resgate da visão humanista dos primórdios da Medicina, que “cuidava” do homem respeitando sua individualidade. Em cada momento – mórbido ou de esperança – construí uma narrativa que fala da vida. Da vida humana, que na polaridade de sua linguagem, realiza o “casamento” do racional no cotidiano, nosso estado prosaico, com o poético, que no terreno das significações procura traduzir a subjetividade. Esse homem que pensa, raciocina, organiza, e chora, ri, canta, dança e sonha é o objeto desta pesquisa, pensada e organizada para refletir a necessidade da reconexão dos saberes no ensino médico, com o recurso das Artes Plásticas e pontos-de-vista científico, filosófico e literário, na tentativa de superar a dissociação desses saberes, cujos paradigmas se arrastam desde o século XVII. Essa forma de pensar o conhecimento para o ensino médico pelo viés aplicado da Complexidade e da Transdisciplinaridade, traduz-se em um aprendizado e uma prática solidárias, para onde se converge responsabilidade, cidadania e ética. Morin insiste:

O limite principal da ciência é a sua insistência em abordar e comunicar suas instâncias separadamente. É para superar isso, entre outras coisas, que uma reforma do pensamento torna-se imprescindível, por intermédio da qual seja possível reintegrar um personagem que ela, a ciência do Homem, ignorou totalmente – isto é, o próprio Homem”.¹⁷⁹

Volto ao sentido literal da palavra *complexus*, “aquilo que tem dobras, que é um conjunto,” e aos limites do conhecimento, profundamente analisados por Edgar Morin,¹⁸⁰ para comprovar a possibilidade de formar elos mensuráveis na organização do conhecimento, sempre com um *olhar amoroso* para a fragilidade humana, considerando o exato momento em que a vida encontra-se ameaçada. Construí uma narrativa que estuda neste universo da doença, o homem fragilizado, mas que assegura a vontade de potência de que tratou Freud na sua teoria psicanalítica.

¹⁷⁹ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 91.

¹⁸⁰ *Ibid.* p. 92.

O homem guarda na sua memória lembranças ancestrais da “estreiteza” do estado prosaico-poético, imanente na sua vida cotidiana, onde co-existiam trabalho, canto e ritmo, conforme registro dos ritos de encantamento dos caçadores sobre a caça, pintados na gruta de Lascaux, na França.

Há de se reconhecer que o discurso da transdisciplinaridade apresenta múltiplos saberes, e cria possibilidades para o homem conhecer a si e ao Outro. Atitude prevalente, pois para o médico entender o que o paciente tem, precisa primeiramente perceber quem ele é. Há evidências de que o modelo cartesiano-flexneriano que norteou a educação médica até o presente século já não atende às necessidades da sociedade contemporânea. A mudança proposta aos alunos de medicina no trato com o sujeito-doente vem justamente questionar este modelo, e viabilizar a construção de uma relação mais humana e dialética para o binômio médico-paciente.

Esta proposta faz com que a Arte, a Literatura e a Medicina mantenham uma relação híbrida no ensino médico, que passa a congrega saberes múltiplos, passando ao campo da Complexidade. Esta reflexão encontra respaldo no exemplo utilizado por Morin,¹⁸¹ quando afirma que a noção de homem está fragmentada entre diversas disciplinas das ciências biológicas e entre todas as disciplinas das ciências humanas. Em se tratando de contextualizar o homem, também Piaget¹⁸² encontra raízes entre as ciências humanas, biológicas e físicas, e estabelece uma relação dialética entre elas, considerando suas origens em uma história humana e social.

A narrativa se desdobra em sintonia com o *paradigma da complexidade* de que trata Morin: “é o produto de todo um desenvolvimento cultural, histórico e civilizatório. Virá do conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas, de novas reflexões, que vão pôr-se de acordo e reunir-se”.¹⁸³

A apropriação da Arte, mais especificamente das Artes Plásticas, para dialogar com a Medicina e a Literatura, permitiu construir uma galeria patogênica, onde se é possível sistematizar aulas e cursos interativos, experimentar emoções e vivências traumáticas, que, a priori, prepara o acadêmico para a relação com o

¹⁸¹ Ibid., p. 41.

¹⁸² PIAGET apud MORIN. op. it. p. 32.

¹⁸³ MORIN. *A cabeça bem-feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento*. 10^a ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2004.

paciente. O reconhecimento do corpo doente como um texto que se dá a ler, estabelece um caminho para o diálogo humanista do médico, em conjunto com a nova proposta de anamnese, que reconhece no relato do paciente um entre-lugar para se chegar a um diagnóstico seguro.

Estas novas *escutas e leituras do corpo doente* constituíram-se em propostas factíveis para a sistematização do projeto humanista para a primeira série do curso de medicina da UFRR, porque trazem na sua essência expectativas centenárias, refletidas nas palavras de Bernard Lown:

(...) busca-se o médico com quem nos sentimos à vontade quando descrevemos nossas queixas, sem receio de sermos submetidos por causa disso a numerosos procedimentos; o médico para quem o paciente nunca é uma estatística (...) é, acima de tudo, um semelhante, um ser humano cuja preocupação pelo paciente é avivada pela alegria de servir (...).¹⁸⁴

O uso do círculo de leitura permitiu construir junto com os estudantes de medicina esta proposta inovadora de estudo, reconhecendo com Freud, que “a enfermidade deixou de ser a lesão de um único órgão, passando a ser de toda a personalidade.”¹⁸⁵ Certamente que para se alcançar os objetivos, o aluno precisa ser visto como pessoa, ter espaços para se expressar, ser ouvido e respeitado, o que aumenta a possibilidade dele desenvolver uma relação humanista com o paciente, passando a ver o homem da doença, e não a doença do homem.

A porta que me levou aos tradicionais ensinamentos literários na UFRR, tornou-se estreita no universo da Complexidade. Mas a partir dela foi possível abrir um sem-fim de possibilidades para questionar e “colorir” a vida humana. Deixo “portas entreabertas” para releituras, lembrando que frequentemente tratamos da complexidade do mundo usando as expressões: o mundo das artes, o mundo da política, o mundo da ciência, o mundo acadêmico e tantos outros, que na verdade estão entrelaçados num único mundo, num mesmo espaço-tempo.

¹⁸⁴ LOWN apud Siqueira, José Eduardo. *A arte perdida de cuidar*. Revista de Bioética e Ética Médica-CFM, vol. 10-2002.

¹⁸⁵ FREUD apud Souza, Álvaro N. *As Duas Faces de Apolo: a íntima relação entre a Medicina e as Artes*. Salvador, BA: Casa da Qualidade, 2000.

O que resta é a certeza de que se pode propor além, arriscar, desafiar. E por não me dar por satisfeita é que continuarei a mágica do ensinar-aprender inspirada na dialética da filosofia hinduísta do sábio Kapila ¹⁸⁶. Ele ensina que desde nosso nascimento compartilhamos as alegrias, as idéias, as intuições e as agonias de uma pessoa que observamos agir e pensar. Coexistindo intimamente com nós mesmos cria-se a ilusão de sermos aquela pessoa. Sendo o outro, o sentimento que prevalece é o amor, a generosidade.

Acredito que a multiplicação desta atitude pode resultar em uma convivência mais humana, segura e fraterna, caso haja uma transformação pessoal, para a qual Lèvinas tão bem alertou: “Como podem esses sujeitos almejar um estatuto de humanidade e pertença se não se olham no rosto ou se olham com tanta brevidade”? ¹⁸⁷

¹⁸⁶ KAPILA apud MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁸⁷ LÈVINAS E. *humanismo do outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.